

## As Representações Femininas na Poesia de Adélia Prado

Dr. Michelle Vasconcelos Oliveira do Nascimento<sup>i</sup> (UFRN/FURG)

### Resumo:

*A poesia feminina contemporânea cresceu nas últimas décadas no Brasil e precisou-se, dentre outras questões, do próprio feminino, dos papéis sociais, culturais e históricos da mulher e da sua sexualidade. Dentre as que exploram tais questões, temos Adélia Prado, em cuja poesia o feminino aparece sob as múltiplas faces. Ao realizarmos uma análise das imagens femininas em sua poesia, o que encontramos são elementos que nos remetem a dois mitos da mulher na cultura judaico-cristã, o de Lilith e o de Eva. Esta comunicação tem como proposta apontar de que forma tais imagens aparecem em sua poesia e manifestam a mulher transgressora, a Lilith, e a resignada, a Eva, o paradoxo da condição feminina e expressam os dilemas porque passam as mulheres, que tentam manifestar-se enquanto sujeitos ativos e sexualizados, dotados de voz e corpo, e não como apêndice social do homem.*

**Palavras-chave:** poesia de Adélia Prado, imagens femininas, arquétipos míticos, Eva, Lilith.

### 1 Introdução

Adélia Luiza Prado Freitas (1935) nasceu em Divinópolis, interior de Minas Gerais, e começou a escrever em 1950, com a morte da sua mãe. Mas foi apenas em 1975, após o nascimento de seus quatro filhos e da sua formação em Filosofia, que veio a lume sua primeira publicação, o livro *Bagagem*, por indicação de Drummond à Editora Imago. Em seguida à primeira publicação, vieram *O Coração Disparado*, em 1978, e *Cacos para um Vitral* e *Terra de Santa Cruz* ambos de 1981. Até então, seguiram-se inúmeras publicações entre poesia e prosa, com algo em comum: estilo, linguagem e temáticas que beiram o ordinário.

Adélia nos oferece uma poesia simples, com temas familiares, por se assemelharem a relatos do cotidiano, relatos de vidas e de pessoas de sua cidade natal, e sem pretensões acadêmicas, o que, para parte da crítica poderia diminuir o seu valor literário e artístico. Entretanto, a suposta simplicidade e corriqueirice dos seus temas vêm nos revelar, além das vibrações da vida, da natureza, e outros elementos presentes em sua obra, o sujeito feminino sob múltiplas faces, representadas por esse sujeito singular, o eu-lírico adeliانو.

Ao nos debruçarmos em sua poesia, deparamo-nos com um sujeito feminino que percorre suas obras, e que se lança das situações do cotidiano para expor e questionar acerca do papel cultural, histórico e social da mulher, não só na cultura brasileira, mas na ocidental, calcadas pelos preceitos judaico-cristãos, cujos mitos introjeta: a mulher subserviente ao homem, a Eva, e a mulher transgressora, a Lilith.

Lançando-se da ideia da universalidade dos arquétipos míticos e da sua função estruturante do inconsciente coletivo, e de que a poesia tem profunda afinidade com o mito e que os poetas fazem renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos próprios da produção mítica (Cf. MELLO, 2002, p.43), identificamos nas imagens femininas na poética adeliانو, cerceadas pela religiosidade, como emergem os dois grandes arquétipos míticos da mulher presentes no nosso imaginário, o de Eva e o de Lilith, os quais evidenciam as crenças e as dúvidas, os consolos e as angústias do sujeito feminino, revelando a ambivalência da sua natureza.

### 2 A poetisa mulher e a mulher Eva: a consciência da condição feminina e a culpa pela Queda

Eva<sup>ii</sup> é conhecida por ser a primeira mulher bíblica. Encontrada sua menção no livro *Gênesis* 2, 20-22<sup>iii</sup>, no Velho Testamento, a sua criação é contada a partir do seguinte ponto: Deus, percebendo a necessidade de Adão em ter uma companheira idônea para ele na terra para que não ficasse só, fez Adão cair em sono pesado, retirou-lhe uma costela, fechando a carne em seu lugar, e fez a mulher e trouxe ao homem. (Cf. ALMEIDA, RA ; RC)

Este é o mito da criação de Eva. E o que se extrai do mito, é que Eva, criada a partir de Adão, é carne da carne de Adão, é parte, enquanto Adão é o todo, o que sucede na diminuição da importância da figura feminina. É Eva, ainda, que vai comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, seduzida pela serpente, o animal astuto do Paraíso, pelo conhecimento que a árvore pode trazer, seduzida pela possibilidade de ser como Deus. Sob este mesmo argumento, seduz Adão, que também come o fruto, precipitando-se ao pecado, e não só ele, mas toda a raça humana. O ato de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal os lança à vergonha e provoca a ira divina. A mulher é apresentada, no momento da criação, como a responsável de todo o mal da humanidade, do sofrimento e da dor. É o sujeito que carregará, portanto, em nossa cultura, o estigma da suspeita e da inépcia.

É a mulher Eva responsável, também, porque Deus abandone o homem no mundo, tendo esse que trabalhar para o seu sustento e tendo que conhecer a verdade sobre o sofrimento e a morte. À mulher, como pena, imputa Deus: “Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor darás à luz filhos e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”<sup>iv</sup>.

Essa grande marca da culpa feminina, que herdamos pelo mito de Eva, vemos repetir-se nos nossos dois mil anos de cultura judaico-cristã. O mito, com sua função pragmática, nos estabelece, pelo sentimento de culpa, o modelo cristão de mulher. Já que não pode livrar-se da culpa, padecerá, então, na resignação. Com efeito, o arquétipo de Eva predomina na nossa sociedade na representação feminina. Intrínseco à nossa cultura, tal arquétipo revive nas mais diversas manifestações cotidianas, e na arte é artifício para questionar os papéis históricos, sociais, culturais e até mesmo sexuais da mulher.

Na poesia de Adélia Prado, seja pelos temas religiosos que perpassam seus poemas, seja pelo próprio cotidiano retratado, os arquétipos femininos são reavivados e nos conduzem a um mundo feminino que se levanta contra as contradições a que foram sujeitas as **filhas de Eva**. Em seu primeiro livro, *Bagagem* (1975), Adélia inaugura com o poema “Com licença poética”, numa interlocução com Drummond em seu “Poema de sete faces”, o seu sujeito poetisa mulher:

#### Com licença Poética

Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir. (PRADO, 1991. p. 11)

Parodiando Drummond, o anjo adeliانو é esbelto e usa trombeta, o que nos faz remeter às imagens sacralizadas pela igreja dos anjos que anunciam a **vontade** de Deus. Como destino feminino de **carregar bandeira, cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada**, vemos saltar imagens que fazem referência ao arquétipo de Eva, a mulher frágil, culpada e, logo, envergonhada pela Queda, o que corrobora a forma com que a mulher é tratada culturalmente.

É importante lembrar que o mito de Eva, na nossa cultura judaico-cristã, é necessário para consolidar as posições da mulher e do homem, do desejo e da racionalidade na sociedade.

Eva é o protótipo da mulher moldada pelo Deus judaico-cristão, que sendo Pai e Todo-Poderoso quis estabelecer um padrão eterno de conduta para a mulher.

Propõe a lei dessa tradição que a mulher: seja mulher de algum ADÃO, porque foi criada de sua costela (pedaço do homem e não criação independente de Deus). Seja sua auxiliar e companheira: “Não que o homem esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda” (Gênesis 2, 18-19). E que sua posição social esteja atrelada à responsabilidade pela preservação do casamento e pela felicidade do lar (marido e filhos). (PAIVA, 1993, p. 56, grifo do autor)

Assim, através do eu-lírico identificamos referência ao casamento e ao parto, sem dor, contrário à imprecação divina, imagens arquetípicas de Eva, as quais manifestam o papel doméstico a que foi delegada a mulher: “Não tão feia que não possa casar,/acho o Rio de Janeiro uma beleza e/ ora sim, ora não, creio em parto sem dor.”

Mas não só Eva é essa mulher, tão logo é poeta, **carrega bandeira**. É mulher Eva e é poetisa mulher, são ambas, são as mulheres que aceitam e cumprem a sina de dor a que foram condenadas, sina de mulher, sina feminina de criar e reproduzir. Sua função e seu orgulho estão representados, aqui, pela sua capacidade de inaugurar linhagens e reinos, remetendo, aos níveis biológico da criação e à criação poética:

Inauguro linhagens, fundo reinos  
(dor não é amargura).  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô. (PRADO, 1991. p. 11)

Admitindo a sua sina, a mulher adeliã afirma a sua condição feminina complexa: é a mulher que carrega a bandeira e defende o seu lugar e sua natureza feminina. Como ser elevado e não inferior, o eu-lírico aduz a essência feminina: Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem./Mulher é desdobrável. Eu sou.

A maldição, prerrogativa antes feminina, agora é condição masculina. Ser “coxo” na vida, que se pode entender como o sujeito de marcha irregular, ou como sinonímia de diabo, agora se faz prerrogativa do homem. A mulher se afirma como esse ser que “se desenovela”, “desenrola-se”, ao mesmo tempo, múltipla, embora tenha consciência da sua pena.

Entretanto, em outros momentos, Adélia nos coloca diante de questões eminentemente religiosas, que dizem respeito ao nosso imaginário cultural cristão para tratar mais a fundo as angústias e medos femininos, representados pelo arquétipo de Eva, que encerra em si a culpa e o lado diabólico.

Em “Filhas da Antiga Lei”, cujo título remete às passagens do Antigo Testamento, temos a imagem que perfeitamente nos remete ao arquétipo feminino culpado, envergonhado e receoso em relação à Deus, que nos é apresentado não como o Deus complacente do Novo Testamento, mas como o tirano e cruel do momento da criação:

Deus não me dá sossego. É meu aguilhão.  
Morde meu calcanhar como serpente,  
faz-se verbo, carne, caco de vidro,  
pedra contra a qual sangra a minha cabeça.  
Eu não tenho descanso neste amor. (PRADO, 1991. p. 268)

Temos nítidas imagens que nos remetem ao Gênesis bíblico: serpente, verbo, carne. O Deus que persegue, aflige e machuca está em todas as partes, é o **aguilhão, serpente**, é o Deus do **olho** que tudo vê e nada perdoa. A solução para essa angústia é retornar ao estado anterior à criação, ao ventre materno, ao ventre da sua mãe, filha de Eva:

Eu não posso dormir sob a luz do seu olho que me fixa.

Quero de novo o ventre de minha mãe,  
sua mão espalmada contra o umbigo estufado,  
me escondendo de Deus. (PRADO, 1991. p.268)

Esconder-se de Deus é fugir de todo o estado de angústia e de aflição que sua “presença” causa, é fugir da maldição feminina. Não nascer é a única saída para não sofrer.

A poesia adelianna nos conduz ao momento bíblico da criação, ao mito do pecado original, utilizando-o como artifício para trazer à tona as questões referentes ao segundo sexo, do comportamento e da liberdade da mulher na sociedade. Será a mulher esse ser, pela eternidade, culpado e amaldiçoado? Será a mulher sempre predisposta ao pecado?

Mas não é apenas pela culpa mítica da Eva que o sujeito feminino é apresentado na poesia de Adélia. Em vários momentos nos deparamos com a mulher livre de culpas e das amarras sociais, e vemos a multiplicidade de sujeitos contida nas representações arquetípicas femininas de sua poesia. É na transgressão total de valores, na desobediência da Lei do Pai e na afirmação da sua sexualidade que encontramos o arquétipo de Lilith.

### **3 O erotismo lilithiano: o feminino desejoso e livre das convenções**

Lilith é considerada a primeira mulher da criação, e sobre o seu mito, ainda desconhecido por muitos, é importante remontar a origem arcaica, anterior à Bíblia:

O mito de Lilith pertence à grande tradição dos testemunhos orais que estão reunidos nos textos da sabedoria rabínica definida na versão jeovística, que se coloca lado a lado, precedendo-a de alguns séculos, da versão bíblica dos sacerdotes. Sabemos que tais versões do *Gênesis* – e particularmente o mito do nascimento da mulher – são ricas de contradições, enigmas que se anulam. Nós deduzimos que a lenda de Lilith, primeira companheira de Adão, foi perdida ou removida durante a época de transposição da versão jeovística para aquela sacerdotal, que logo após sofre as modificações dos Pais da Igreja. (SICUTERI, 1998, p. 23)

Encontrada já entre os sumérios, nota-se a presença do mito bem anterior à formação do Cristianismo, que domina o pensamento ocidental por séculos:

Originalmente, Lilith era uma deusa arcaica que, sobre sua verdadeiramente primeira aparição na tradição histórico-religiosa, apresentou justamente um único aspecto: aquele de uma terrível deusa-mãe. Todavia, este caráter mudou no curso do desenvolvimento do mito. No período das tradições Talmúdico-Rabínica e Greco-Bizantina tardias, Lilith adquiriu um estranho aspecto dual. Dependendo de como ela é encarada, por um homem ou por uma mulher, um ou outro dos seus aspectos se torna mais aparente. Encarada por um homem, o aspecto da prostituta divina ou, psicologicamente falando, aquele da alma sedutora, fica mais em evidência. Por uma mulher, no entanto, ela apresentará todos os terríveis aspectos da terrível mãe. Como a figura anima, Lilith tenta seduzir não somente o primeiro homem, Adão, mas também todos os homens, mesmo hoje em dia – pois, de acordo com uma das tradições da antiga mística judaica, ela é imortal. Ela encontrará sua morte somente no Dia do Julgamento. (HURWITZ, 2006, p.33)

A figura de Lilith não está somente restrita à mitologia judaica, e pode ser encontrada também entre povos não-semíticos. Sua representação, como a de uma prostituta, fatalmente faz recair sobre a mulher essa associação, na sexualidade reside o grande erro de Lilith.

Diferentemente de Eva, o mito de Lilith não contempla um castigo humano, uma submissão ao homem. Esta acaba por residir no mundo do interdito, nas sombras do universo. A Lilith serão relacionados todos os elementos imagéticos das trevas, da traição. A primeira mulher de Adão foi retirada para o esquecimento, mas o seu mito continua presente no inconsciente coletivo pelas imagens femininas na sociedade ocidental, coexistindo ao lado de Eva.

Lilith é a representação da desobediência e da corrupção, foi expulsa do Paraíso. É a representação da mulher sedutora, sexualizada, transgressora, leviana, que conduz os homens à desrazão pelo prazer carnal.

Essa imagem feminina, presente no imaginário ocidental, é a da mulher que busca o prazer, que ignora a **punição** religiosa e as convenções morais, e na esfera humana, a atividade sexual é essencialmente uma transgressão (Cf. BATAILLE, 1987, 101). O arquétipo lilithiano é, assim, identificado na poesia “A moça na sua cama”, que, partindo de um aparente relato, o eu-lírico transgride todos os valores e dá relevo ao desejo e à sexualidade feminina:

Papai tosse, dando aviso de si,  
vem examinar as trameas, uma a uma.  
A cumeeira da casa é de peroba do campo,  
posso dormir sossegada. Mamãe vem me cobrir,  
tomo a bênção e fujo atrás dos homens,  
me contendo por usura, fazendo render o bom. (PRADO, 1991.p. 175).

A imagem dissimulada do eu-lírico nos remete à imagem lilithiana feminina. A libertinagem que se apresenta sem culpa afirma o seu desejo e sua sexualidade:

Se me tocar, desencadeio as chusmas,  
os peixinhos cardumes.  
Os topázios me ardem onde mamãe sabe,  
por isso ela me diz com ciúmes:  
dorme logo, que é tarde.  
Sim, mamãe, já vou:  
passear na praça sem ninguém me ralhar.  
Adeus, que me cuido, vou campear nos becos,  
moa de moços no bar, violão e olhos  
difíceis de sair de mim. (PRADO, 1991.p. 175)

O ambiente da praça e dos becos nos remete à cidade pequena, de interior, o que intensifica ainda a imagem de uma cidade interiorana, neste caso, em particular, mineira, que conserva seus hábitos religiosos. Com isso, deparamo-nos com uma total digressão dos costumes, uma negação dos preceitos cristãos, numa afirmação do desejo expresso pelas imagens, **desencadeio as chusmas, os topázios me ardem [...], olhos difíceis de sair de mim**. Os vernizes são retirados e o que encontramos é o homem em seu estado simples e natural.

A negação da doutrina cristã e o extravasamento sexual culminam na imagem da Lilith demoníaca, que é o feminino sem limites, de sexualidade sem moralidade, aspecto puramente instintivo da mulher, constatados na referência ao **catecismo**, aos **escrúpulos**, no **cavalgar no torpor dos monsenhores podados**:

Que bom não ser livro inspirado  
o catecismo da doutrina cristã,  
posso adiar meus escrúpulos  
e cavalgar no torpor  
dos monsenhores podados. (PRADO, 1991.p.175)

A ausência de culpa e de moral é o grande distintivo entre os arquétipos de Lilith e Eva,

enquanto Eva tem como fim a submissão ao homem, Adão; Lilith tem por fim o reconhecimento de sua igualdade e liberdade sexual, os elementos do sagrado e do profano não mais se distinguem ou se opõem, tudo parece fazer parte da grande orgia lilithiana promovida pelo eu-lírico:

Posso sofrer amanhã  
a linda nódoa de vinho  
das flores murchas no chão.  
As fábricas têm os seus pátios,  
os muros tem seu atrás.  
No quartel são gentis comigo.  
Não quero chá, minha mãe,  
quero a mão do frei Crisóstomo  
me ungindo com óleo santo. (PRADO, 1991.p.175)

Na afirmação do seu caráter libidinoso, da sua natureza promíscua, o eu-lírico desconstrói a moral cristã ocidental. O profano assume caráter elevado na declaração: Da vida quero a paixão./E quero escravos, sou lassa.

O corpo leviano é também santo, o corpo é a via para realizar seus prazeres carnavais e materiais. A mistura do animal e do humano, do animal e do instintivo, é a marca da humanidade muito antiga[...] (BATAILLE, 1987, p. 127). E sob a proteção divina, sem culpa, o corpo descansa, e com sarcasmo se banaliza o sagrado:

Com amor de zanga e momo  
quero minha cama de catre,  
o santo anjo do Senhor,  
meu zeloso guardador.  
Mas descansa, que ele é eunuco, mamãe. (PRADO, 1991.p.175)

A religiosidade e o cotidiano são panos de fundo para as poesias adelianas, ou mesmo temáticas, além de serem utilizados como artifícios para a exploração outras temáticas, como o feminino, que caracteriza sua obra poética. Religiosidade e feminino estão intrinsecamente relacionados em sua poesia pelo fato de aquela ser, como apontado, determinante para as funções e comportamento das mulheres na cultura ocidental. É através das imagens do sagrado em relação com as imagens femininas, como vimos, que conseguimos identificar a presença dos arquétipos míticos de Eva e Lilith.

## **Conclusão**

A sexualidade que vimos ressaltar na poesia adeliana nos expõe questões essenciais do feminino, quanto à sua liberdade sexual, os seus prazeres e o seu corpo, tão julgado e condenado. Aparentemente contrária à imagem da mulher subjugada, receosa e temente a Deus, que remete ao arquétipo de Eva, a imagem feminina libidinosa, arquétipo de Lilith, não é, senão parte, que associada à primeira, nos expõe todas as formas de ambivalência do feminino. A razão e a medida, atribuídas ao arquétipo de Eva, e a desrazão e desmedida, do arquétipo de Lilith, constituintes do sujeito feminino, equilibram suas forças no sujeito feminino. A mulher Eva, na poesia adeliana, é a que aceita a sua condição feminina de culpa, mas que, associada à mulher Lilith, na sua transgressão e liberdade, delineam o sujeito feminino que busca igualdade, que busca ser desdobrável, que se afirma como mulher e como poetisa.

## **Referências Bibliográficas**

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- HURWITZ, Siegmund. *Lilith: a primeira Eva*. Aspectos históricos e psicológicos do elemento sombrio do feminino. Trad. Daniel da Costa. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e Imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Coleção Memória das Letras; 11)
- PAIVA, Vera. *Evas, Marias, Liliths... as voltas do feminino*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- PIRES, Valéria Fabrizi. *Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade*. São Paulo: Summus, 2008.
- PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

---

**i Michelle VASCONCELOS OLIVEIRA DO NASCIMENTO, Dra.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Federal de Rio Grande (FURG)  
michellevasc@hotmail.com

<sup>ii</sup> O nome Eva foi batizado apenas após a queda do Paraíso, por Adão, que a chamou assim por ser a mãe de todos os viventes. (*Bíblia Sagrada*. Gênesis, 3, 20. Tradução de João Ferreira de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil. Disponível em [www.sbb.org.br](http://www.sbb.org.br)).

<sup>iii</sup> Todas as referências bíblicas que serão utilizadas aqui são da tradução de João Ferreira de Almeida, disponíveis no site da Sociedade Bíblica do Brasil: <<http://www.sbb.org.br>> A tradução de Almeida, feita ainda no século XVII, é a mais utilizada ainda hoje no Brasil pelos evangélicos. Atualmente se encontra a Edição Revista e Corrigida, à qual me referirei apenas com a sigla RC, que tenta ser fiel aos termos utilizados por Almeida, e que se trata de uma correção, ou melhor, revisão da Edição Almeida Revista e Atualizada (RA).

<sup>iv</sup> Idem. Gênesis 3, 16.(RC).